

Criptomoedas - a digitalização do dinheiro

Richard Warrior, fundador da Tesseract Holding, revela as particularidades da moeda que tem movimentado o mercado financeiro.

Por: Ana Carolina Lago

Intangíveis, mas com um alto valor de mercado. As criptomoedas estão se tornando, cada vez mais, assunto dos noticiários. É uma moeda como qualquer outra, mas totalmente digital e sem a interferência do Governo ou instituições públicas/privadas. Assim como os eletrônicos, os meios de comunicação e demais materiais, o dinheiro também evoluiu com o tempo, e a chegada das moedas digitais reafirma essa evolução. “As criptomoedas surgiram com o foco do cashless - deixar a sociedade com o mínimo de dinheiro físico possível. Na Suécia, por exemplo, apenas 1% da população ainda usa dinheiro físico. Tem 2 anos que eu não sei o que é ter dinheiro físico para pagar alguma coisa, as criptomoedas surgiram com o propósito de velocidade, segurança e escalabilidade. Se você precisasse mandar um dinheiro para fora do Brasil antes, o processo era super burocrático e as criptos surgiram para facilitar esse processo. Você pode comprar terrenos, casas, carros, fazendas, empreendimentos e mandar dinheiro lá para fora sem se preocupar com taxas, tempo e a questão de segurança”, conta Richard Warrior, Fundador da Tesseract Holding.

Assim como o dinheiro físico, as criptomoedas também podem ser utilizadas como meio de troca no comércio, tanto no online, quanto no mundo real. Há mais de 5 mil criptomoedas circulando na rede. “Dentro das criptomoedas existem as altcoins - que são todas as outras moedas que não são os bitcoin, ou seja, moedas alternativas”, explica Richard. Entre elas, Cardano, Ethereum, Tether etc. Richard esclarece que algumas moedas possuem um valor acima do bitcoin, que não necessariamente valem isso. Porque assim como na bolsa de valores, existe manipulação de mercado e em criptomoedas não é diferente. Não necessariamente o preço é igual ao valor, às vezes ela está custando 1 dólar, mas ela não tem valor econômico.

Toda essa rede de criptomoedas é autenticada por meio do processo de mineração. “A grosso modo, minerar seria você validar a transação e mandar para outra pessoa com mais segurança e sem risco de fraude, que ocorria muito em bancos”, diz Richard. Além do processo de validação, a mineração também é um recurso para dispor mais criptomoedas no mercado e manter a blockchain - o livro razão usado para registrar transações - funcionando corretamente. Durante esse processo de mineração é verificado se existem bitcoins suficientes na conta remetente e se a destinatária pode receber aquela quantidade. Quem opera esse sistema é o minerador, que recebe “o salário ” em bitcoins, por volta de 6,25 unidades da criptomoeda mais as taxas de transações da rede. Para Richard, a nova “profissão” não compensa. “Hoje, no Brasil, não vale a pena. É um sistema caro, exige muita rede, muito poder computacional e ao mesmo tempo não dá muito retorno. Se a nossa Internet fosse mais barata, se nossa energia fosse mais barata, poderia até valer a pena. Ainda dá pra lucrar com mineração de bitcoin, mas não como há 2 anos, por exemplo. ”

Comparado ao ouro, o Bitcoin é uma moeda finita. Estima-se que as 21 milhões de unidades existentes se esgotem até 2140. Em contrapartida, Richard acredita que em, mais ou menos, 8 anos todos os países desenvolvidos ou subdesenvolvidos tenham sua própria moeda digital. “ Cada potência econômica vai desenvolver sua própria criptomoeda, e a população, querendo ou não, vai ser empurrada para isso. Porque alguns governos tentam barrar, mas quanto mais eles tentam, mais força a moeda cria. Quando os países entrarem nesse processo de aceitar as criptomoedas no banco central, nos principais bancos da nação, além de ter a sua própria moeda digital, nós estaremos caminhando 90% para o cashless, que é a sociedade sem dinheiro. Talvez, aiinda não vai acontecer em comunidades, como tribos indígenas ou onde as pessoas não tem Internet, mas onde a pessoa tenha acesso será usado a moeda digital. ”